

CFESS Manifesta

Dia Nacional da Consciência Negra

Brasília, 20 de novembro de 2011
Gestão Tempo de Luta e Resistência

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

www.cfess.org.br

ZUMBAIS E DANDARAS CONTRA A DESIGUALDADE RACIAL

O lançamento oficial do Ano Internacional dos Afrodescendentes na ONU, em 2010, foi marcado pela denúncia da desigualdade racial no mundo e pela reivindicação de que os países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) promovam ações que assegurem à população afrodescendente o gozo de seus direitos e que suas culturas sejam valorizadas.

A Conferência de Durban contra o racismo, xenofobia e discriminações correlatas, realizada em 2001 e conduzida politicamente pela maioria das mulheres presentes no evento, particularmente pelas mulheres negras brasileiras, estabeleceu metas importantes de combate à desigualdade racial. Essas metas foram reafirmadas em 2009, na Conferência de revisão de Durban, e dizem respeito à promoção da equidade racial estabelecida pelos países membros da ONU.

No Brasil, ações governamentais foram implementadas, mas não têm sido suficientes para enfrentar, de um lado, a histórica e estrutural desigualdade econômica, e de outro, a cultura patrimonialista, racista, patriarcal, sexista e homofóbica, enraizada na sociedade brasileira. Legado da escravidão, mas também de uma república capitalista e seletiva na garantia da cidadania, homens e mulheres negros/as têm experimentado um viver totalmente desassistido, longe de um sistema de seguridade social e demais políticas públicas que contemplem suas necessidades como seres humanos. Em síntese, negros/as vivenciam uma permanente violação de direitos, marcada por preconceito racial, de gênero, orientação sexual e identidade de gênero, que os/as têm impedido, secularmente, do acesso aos direitos, devido às desvantagens ►

► históricas, fruto do racismo e da discriminação racial em escala planetária. Basta conferirmos a situação do Haiti hoje; as consequências nefastas do furacão Katrina que abateu os/as negros/as moradores/as da cidade de Nova Orleans nos EUA; os contemporâneos conflitos na Europa, motivados pelo racismo e pela xenofobia e alimentados pelas ideologias segregacionistas de cunho racista que assistimos através dos meios de comunicação e redes sociais. No Brasil, o desgastado “paraíso racial”, os indicadores sociais e econômicos apresentados pelos órgãos estatísticos oficiais do governo conferem à população negra de nosso país o pior “lugar social”. Tudo isso expressa a incapacidade do capitalismo em atender aos segmentos oprimidos da sociedade, levando negros/as, cada vez mais, para a pobreza e a miséria.

A cor da violência racial e de gênero

O Brasil apresenta a maior população negra depois da Nigéria. O resultado do censo do IBGE, de 2010, informa que a população negra (somatório de pretos e pardos) é maior no Brasil, o que revela o avanço da consciência racial e do orgulho de parcelas da população brasileira em assumir uma identidade cultural e política marcada pelas africanidades. No entanto, por força do racismo, negros/as experimentam as piores condições de vida ou morrem precocemente. Vejamos: no mercado de trabalho urbano, a população negra se insere claramente em situação desvantajosa em relação à população branca. As taxas de desemprego são maiores entre os/as negros/as que recebem salários baixos e passam mais tempo à procura de emprego.

Estudo realizado pelo Ministério da Justiça sobre a população carcerária brasileira constatou que esta é constituída por 95% de pessoas pobres. Destas, 65% são negras. Destarte, 27% dos brancos respondem em processo de liberdade, enquanto apenas 15% dos/as negros/as têm esse direito. Em relação ao índice de condenados que são absolvidos, os/as negros/as detêm uma porcentagem de 27% e os brancos chegam a 60% de absolvidos.

A taxa de mortalidade materna é três vezes maior entre as mulheres negras em relação às mulheres brancas. Assim, 43,2% das mulheres

A REALIDADE EXPERIMENTADA PELA POPULAÇÃO NEGRA INFORMA QUE AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL AINDA ESTÃO MUITO LONGE DE GARANTIR A EQUIDADE ENTRE OS DIFERENTES GRUPOS RACIAIS E DE GÊNERO. ESTE QUADRO SE APRESENTA COMO DESAFIO PARA O CFESS E DEMAIS ENTIDADES DA CATEGORIA, REFORÇANDO A IMPORTÂNCIA DE AÇÕES DE COMBATE AO RACISMO, SEXISMO E HOMOFOBIA NESSAS ARENAS DE LUTA, FUNDAMENTADAS PELOS PRINCÍPIOS DO CÓDIGO DE ÉTICA DO/A ASSISTENTE SOCIAL

negras morrem de eclampsia, enquanto entre as mulheres brancas o percentual é de 13,14%. Em relação ao abortamento inseguro, 25,23% de mulheres negras morrem em decorrência deste, contra 7,62% das mulheres brancas. E as desigualdades permanecem em relação à hemorragia pós-parto, infecção puerperal, deslocamento prematuro de placenta e aborto. Mortes perfeitamente evitáveis.

Outro dado alarmante é o número de mortes decorrentes de homicídios, que afetam drasticamente o jovem negro. O Índice de Vitimização Negra apresentado no Mapa da Violência de 2011 calcula que cada morte de um jovem branco equivale à morte de mais de 100 jovens negros/as.

A realidade experimentada pela população negra informa que as políticas públicas no Brasil ainda estão muito longe de garantir a equidade entre os diferentes grupos raciais e de gênero. Este quadro se apresenta como desafio para o CFESS e demais entidades da categoria, reforçando a importância de ações de combate ao racismo, sexismo e homofobia nessas arenas de luta, fundamentadas pelos princípios do Código de Ética do/a Assisten-

te Social. E nessa perspectiva ressaltamos a relevância do Conselho Federal em ter representação na Comissão Intersetorial de Saúde da População Negra (CISPEN) do Ministério da Saúde, defendendo um SUS sem racismo, universal, público e de qualidade, ampliando e lutando pela consolidação, em todo território nacional, da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

Por isso, o Dia Nacional da Consciência Negra é um momento especial para que os/as negros/as, assim como a sociedade brasileira em seu conjunto, reflitam sobre as formas de inserção da população negra nessa realidade, tão desigual racial e economicamente. É igualmente um momento da resistência histórica e cotidiana da população negra, ao afirmar a luta por atendimento digno na rede pública de saúde e educação; pelo reconhecimento imediato das terras quilombolas; de acesso ao trabalho e do combate ao racismo institucional em todos os níveis; pela valorização e expressão da cultura e religiosidade de matriz africana no Brasil nos currículos escolares.

Esta agenda é um processo de luta histórica e longínqua, dentre muitas. E também contempla a comemoração de nossas conquistas radicalizadas pelos sujeitos sociais comprometidos com a liberdade, ainda que num horizonte restrito. Lembremos de Aqualtune, avó de Zumbi, Dandara e Zumbi, líderes da maior república multirracial e pluricultural que a história brasileira teve notícia; Palmares, que sobreviveu e resistiu ao governo colonial português, por mais de 100 anos, em Alagoas. Lembremos da importância de Nanny para a luta política na Jamaica e Toussaint L'Ouverture para a revolução no Haiti. Lembramos também de mulheres que romperam o instituído como Bell Hooks, Alice Walker, Chimamanda Adichie e Audre Lorde, que desafiaram o colonialismo, o sexismo e o heterossexismo. Dentre muitos antepassados, lembramos Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Milton Santos e de todos os Zumbis e Dandaras contemporâneos que têm buscado, para a construção de suas lutas, as referências nesses sujeitos políticos que a história oficial insiste em manter no ostracismo e na invisibilidade social e institucional. **Valeu, Zumbi! Valeu, Dandara!**



SCS Quadra 2, Bloco C,
Edf. Serra Dourada,
Salas 312-318
CEP: 70300-902
Brasília - DF
Fone: (61) 3223.1652
Fax: (61) 3223.2420
cfess@cfess.org.br

Gestão Tempo de Luta e Resistência (2011-2014)

PRESIDENTE Sâmia Rodrigues Ramos (RN)

VICE-PRESIDENTE Marinete Cordeiro Moreira (RJ)

1ª SEC. Raimunda Nonata Carlos Ferreira (DF)

2ª SECRETÁRIA Esther Luíza de Souza Lemos (PR)

1ª TESOUREIRA Maria Lucia Lopes da Silva (DF)

2ª TESOUREIRA Juliana Iglesias Melim (ES)

CONSELHO FISCAL

Kátia Regina Madeira (SC)

Marylúcia Mesquita (CE)

Rosa Lúcia Prêdes Trindade (AL)

SUPLENTE

Maria Elisa Dos Santos Braga (SP)

Heleni Duarte Dantas de Ávila (BA)

Maurílio Castro de Matos (RJ)

Marlene Merisse (SP)

Alessandra Ribeiro de Souza (MG)

Alcinélia Moreira De Sousa (AC)

Eriã Garcia Velasco - Tuca (MT)

Marcelo Sitcovsky Santos Pereira (PB)

Janaine Voltolini de Oliveira (RR)

CFESS MANIFESTA

Dia Nacional da Consciência Negra

Conteúdo (aprovado pela diretoria):

Magali da Silva Almeida - Representante

do CFESS na Comissão Intersetorial de

Saúde Integral da População Negra

Assessoria de comunicação:

Rafael Werkema - JP/MG 11732

Diogo Adjuto - JP/DF 7823

comunicacao@cfess.org.br

Revisão: Diogo Adjuto

Design e ilustrações: Rafael Werkema